



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO MUSICAL

RODRIGO ALVES DA SILVA

**PRÁTICA PEDAGÓGICA DE DOIS PROFESSORES DE ACORDEON NO
ENSINO REMOTO**

JOÃO PESSOA - PB
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO MUSICAL

RODRIGO ALVES DA SILVA

**PRÁTICA PEDAGÓGICA DE DOIS PROFESSORES DE ACORDEON NO
ENSINO REMOTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Música do Centro de Comunicação, Turismo e Artes da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Música.

Orientador: Prof. Dr. Francisco de Assis Santana Mestrinel

JOÃO PESSOA - PB
2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação Classificação

S586p Silva, Rodrigo Alves da.

Prática pedagógica de dois professores de acordeon no ensino remoto / Rodrigo Alves da Silva. - João Pessoa, 2022.

49 f. : il.

Orientação: Francisco de Assis Santana Mestrinel.
TCC (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Educação musical - TCC. 2. Acordeon - Ensino. 3. Música - Ensino remoto. I. Mestrinel, Francisco de Assis Santana. II. Título.

UFPB/CCTA

CDU 78:37(043.2)

RODRIGO ALVES DA SILVA

**PRÁTICA PEDAGÓGICA DE DOIS PROFESSORES DE ACORDEON NO
ENSINO REMOTO**

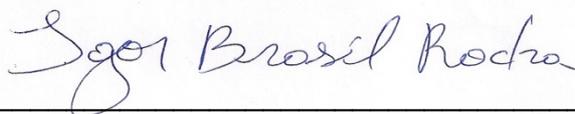
Relatório final apresentado à
Universidade Federal da Paraíba,
como parte das exigências para a
obtenção do título de licenciado em
música.

João Pessoa, 19 de janeiro de 2023.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Francisco de Assis Santana Mestrinel (Orientador)
Departamento de Educação Musical - UFPB



Prof. Dr. Igor Brasil Rocha
Departamento de Música - UFPB



Prof. Dr. Vanildo Mousinho Marinho
Departamento de Educação Musical - UFPB

Dedito esse trabalho aos meus pais Ivanildo e Gilda, minha esposa Daniela, minha filha Maria Clara e toda minha família pelo incentivo na minha arte, formação humana, social e cultural.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus pela minha vida e pelo o dom da música, à toda minha família em especial minha mãe e meu pai que sempre se disponibilizaram para me apoiar nas minhas decisões, minha esposa que está comigo diariamente me incentivando em todos os meus projetos. Encerro mais um ciclo da minha trajetória com um sentimento de dever cumprido, sempre aprendendo com todos os colegas e professores que conquistei durante esse período que foi único e muito importante na minha vida. Não poderia deixar de mencionar três amigos que sempre estavam presentes em todos os momentos acadêmicos do curso, os Panacas Saulo Soares, Kamillo Lima e Fábio Lima. Quero agradecer ao meu amigo Lêdo Ivo Júnior pelo incentivo para eu realizar o curso de música na academia, ao professor Helinho Medeiros que se disponibilizou em me ajudar e principalmente entender todos os momentos de um músico que toca na noite enfrentar o desafio de concluir um curso em uma universidade, ao professor Chico Santana por ter aceitado me orientar nesse trabalho e todos que me incentivam na minha vida profissional. Deus só cobra de quem tem coragem de lutar.

RESUMO

O ensino de acordeon no meio acadêmico é recente, sendo sua disseminação mais comum pela prática, por meio da transmissão empírica. Por outro lado, já existem professores buscando métodos e abordagens de ensino que proporcionem uma maior participação e permanência do aluno nas aulas. Assim, este estudo trata-se de um estudo de caso de abordagem qualitativa, cujo objetivo foi relatar como dois professores de acordeon adaptaram suas práticas pedagógicas durante o ensino remoto na cidade de João Pessoa, em duas escolas de formato distintos. Os resultados mostraram que ambos tiveram uma trajetória musical similar e, atualmente, buscam desenvolver suas aulas baseadas em métodos ativos e dinâmicos, mesmo durante o período de ensino remoto. Durante a execução das aulas remotas, as aulas assíncronas funcionaram melhor, bem como o uso do instrumento em mãos pelo, o que facilita o processo de ensino/aprendizagem. Assim, conclui-se que é possível promover aulas remotas de acordeon, sendo essa uma nova possibilidade de expandir o ensino para além do nordeste brasileiro, bem como atender a um público maior de maneira mais rápida e menos onerosa.

Palavras-chave: ensino; acordeon; aula remota.

ABSTRACT

The teaching of accordion in the academic environment is recent, being its dissemination more common by practice, through empirical transmission. On the other hand, there are already teachers seeking teaching methods and approaches that provide greater participation and permanence of the student in classes. Thus, this study is a case study of qualitative approach, whose objective was to report how two accordion teachers adapted their pedagogical practices during remote teaching in the city of João Pessoa, in two schools of destintus format. The results showed that both had a similar musical trajectory and currently seek to develop their classes based on active and dynamic methods, even during the remote teaching period. During the execution of the remote classes, the asynchronous classes worked better, as well as the use of the instrument at hand by, which facilitates the teaching/learning process. Thus, it is concluded that it is possible to promote remote accordion classes, which is a new possibility to expand teaching beyond the Brazilian northeast, as well as to serve a larger audience faster and less costly.

Keywords: teaching; accordion; remote class.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Instrumento chinês, Cheng. _____	16
Figura 2: 1º Acordeon construído em 1822 por Cyrillus Demian _____	17
Figura 3: Acordeon Scandalli de 120 baixos _____	18

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. METODOLOGIA.....	12
3. ACORDEON.....	14
3.1 A ORIGEM DO ACORDEON.....	14
3.2 O ACORDEON NO BRASIL	18
4. PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM MUSICAL NO ACORDEON.....	21
5. ANÁLISE DE DADOS DAS ENTREVISTAS	24
5.1 O PRIMEIRO CONTATO COM A MÚSICA.....	25
5.2 FORMAÇÃO DE BASE DOS PROFESSORES	25
5.3 ASPECTOS INICIAIS DO ENSINO E APRENDIZAGEM DE ACORDEON	27
5.4 DESAFIOS E CAMINHOS EM AULAS REMOTAS.....	30
6. APONTAMENTOS FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS	35
APÊNDICE	38

1. INTRODUÇÃO

O meu primeiro contato com a música foi aos 12 anos de idade na cidade onde nasci e moro até hoje: Goiana Pernambuco. Lá, reside a banda de música mais antiga da América Latina em atividade, Banda Musical Curica, com 173 anos de existência. Em Goiana também existe outra banda de música, Sociedade 12 de Outubro (Saboeira), que foi onde comecei a estudar música. O formato do ensino nesse contexto era com o professor passando um exercício que chamava de lição, com trechos musicais de até 8 compassos, para estudarmos em casa e no outro dia ler na aula, o que se denominava “bater a lição”. A cada lição que eu batia, ia aumentando o nível e consegui chegar a bater 200 lições.

O meu sonho era tocar saxofone alto, mas quando tive a oportunidade de receber este instrumento na banda, o maestro falou que minhas mãos eram pequenas e eu não iria conseguir tocá-lo. Ele me trouxe uma trompa, eu não aceitei, joguei o caderno no chão e fui embora. Após esse episódio, minha mãe comprou um teclado simples, pelo fato de eu sempre assistir aos ensaios das bandas locais (só olhando) e não ter nenhum instrumento em casa. Eu prestava atenção no que o tecladista fazia e tentava reproduzir em casa e, assim, aprendi a tocar teclado.

Comecei a ganhar cachês com música em 1997, através de um tio chamado Antônio Carlos (em memória). Ele sempre me incentivou e desde então nunca mais parei com a música. Depois de muito tempo de estrada, em 2008 voltei a estudar música formalmente. Em 2012 cursei uma graduação em Produção Fonográfica e em 2017 ingressei na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Hoje eu tenho a música como principal fonte de renda financeira, acompanhando artistas, gravando no estúdio, produzindo, fazendo arranjos musicais para cantores, bandas e dando aulas de música - *online* e presencial.

Com a pandemia de COVID-19 que o mundo vivenciou, me preocupei com as possibilidades e caminhos metodológicos para aulas de acordeon no formato *online*, o que me levou ao tema desta pesquisa. O presente trabalho

vem relatar como dois professores de acordeon adaptaram suas práticas pedagógicas durante o ensino remoto na cidade de João Pessoa, em duas escolas de formato distintos.

Ao entrevistar os professores, eu identifiquei alguns aspectos em comum com a minha trajetória como músico e professor de acordeon. Por exemplo, eu e o professor 1 tivemos basicamente o mesmo contato primordial com a música, pelo fato de termos nascido em interior. O formato de ensino e aprendizagem musical era dentro das bandas de música da cidade, com uma didática muito centrada no maestro: era o que ele determinava tudo e se não conseguisse desenvolver o exercício proposto, o aluno voltava para casa com o mesmo exercício para o dia seguinte.

Na entrevista com o professor 2, também notei similaridades com minha trajetória. Quando ele escutou pela primeira vez Luiz Gonzaga, se interessou em pesquisar e aprender a sanfona, no estilo “tocar de ouvido” que também fez parte de minha trajetória: sempre que escuto uma música, pego o acordeon para tentar tocá-la.

Em todas as bandas que participei, sempre me disponibilizei para compartilhar o meu conhecimento com os colegas que tocaram e tocam comigo. Assim, pensei em formalizar essas atitudes buscando um curso de licenciatura para ampliar as formas de compartilhar e adquirir conhecimentos. Isso me levou para a UFPB.

Nos estados do Nordeste, a procura de pessoas querendo aprender a tocar acordeon vem crescendo de maneira sensível, já que o instrumento se destaca em vários shows, principalmente das bandas de forró. Existem muitos músicos que tocam acordeon só com o conhecimento prático, sem ter passado por qualquer escola formal de música, muitos deles com uma qualidade musical impressionante. No forró, ritmo muito popular no Nordeste, a sanfona é um instrumento fundamental e bem característico do estilo musical.

.Dessa maneira, percebo que existem vários caminhos de ensino e aprendizagem do acordeon, desde aspectos que se encontram no autodidatismo, até na formalidade academia. Entre esses dois caminhos podemos encontrar outras formas de ensino de acordeon que serão abordadas mais à frente.

Falando deste trabalho, ressaltamos que a estrutura do mesmo está organizada em seis capítulos. O capítulo 2 é dedicado à metodologia, o capítulo 3 traz aspectos do acordeon do ponto de vista organológico - construção e técnicas de tocar - e histórico. No capítulo 4, discuto o processo de ensino e aprendizagem do acordeon e no capítulo 5 analiso os dados das entrevistas coletadas, que foram primordial para o desenvolvimento do texto, trazendo as experiências e metodologias de cada professor. Diante dos fatos apresentados, verificamos que oportunizar à criança um contato com a música pode auxiliar na sua identificação com a área e/ou com o tipo de instrumento. Ressalta-se que é na primeira infância onde possuímos uma maior janela de desenvolvimento, levando, assim, o indivíduo a aprender mais facilmente, pois conseguimos reter mais memórias nessa etapa de desenvolvimento. Ou seja, a primeira infância possibilita uma maior chance de aprendizado e aquisição de novas habilidades e coordenação.

2. METODOLOGIA

Este trabalho trata de um estudo de caso, de abordagem qualitativa, cuja finalidade é compreender como dois professores de acordeon desenvolvem suas práticas pedagógicas e quais mudanças ou adaptações tiveram que fazer para realizá-las de modo virtual, *online*. O foco nestes casos permite um estudo mais aprofundado, trazendo um conhecimento mais detalhado de um ou mais objetos estudados (GIL, 2008). Para Yin (2015), o estudo de caso é um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, no qual podemos utilizar de várias fontes de evidência. Vale salientar que os principais propósitos desse tipo de estudo são: explorar situações da vida real cujos limites não estão esclarecidos e descrever a situação do contexto em que a investigação está sendo feita (GIL, 2008).

Já a abordagem qualitativa emprega diferentes concepções filosóficas e procedimento de análise dos dados, mais voltada para o conteúdo e os fatores que influenciam esse discurso (CRESWELL, 2021). Nesse sentido, esta pesquisa fez uso do procedimento de análise do conteúdo, com as etapas de: organização e preparação dos dados, leitura de todos os dados, tabulação dos dados, tematização da narrativa e interpretação dos dados (*idem*).

Diante o exposto, podemos ressaltar que o conteúdo aqui apresentado apoiou-se na articulação entre minhas próprias experiências enquanto acordeonista, entrevistas semiestruturadas com dois professores de acordeon e leitura de textos científicos dentro da temática. As entrevistas foram realizadas com dois professores de acordeon de João Pessoa, que atuam em duas escolas com distinções em seu procedimento metodológico e aspectos de ensino e aprendizagem. Os entrevistados serão tratados com um nome fictício: professor 1 e professor 2, por motivo de ética da pesquisa.

O professor 1 atuava em uma ONG com metodologia direcionada para projetos, enquanto o professor 2 trabalhava em uma escola com uma metodologia conservatorial. Os professores convidados foram relatando suas experiências desde do início de seu contato com a música e o acordeon, até chegar no estágio de professores nas respectivas escolas onde trabalham. As

entrevistas foram registradas através de gravações de áudio e posteriormente transcritas, para embasamento do texto. Para as entrevistas, foram utilizados questionários semiestruturados, contendo onze questões (conforme podemos observar no Apêndice A), que tinham como objetivo conduzir o diálogo para a temática desse estudo.

A entrevista semiestruturada consegue combinar questões abertas e fechadas de modo a levar o indivíduo a discorrer sobre a temática proposta (BONI; QUARESMA, 2005). Assim, esse procedimento de natureza qualitativa permitiu abordar o processo no qual os professores planejaram e adaptaram suas metodologias para o ensino remoto em cada contexto de sua escola, como aprenderam a tocar acordeon e como ensinam atualmente. O trabalho revela diferentes compreensões e percepções de como os professores entrevistados concebem a forma de criar e escolher conteúdos para compartilhar com os alunos nas aulas de acordeon em suas escolas. A escolha dos professores foi por causa, justamente, da disparidade das escolas onde cada um atuava, podendo trazer realidades bem diferentes para análises nesta pesquisa.

Após a análise e a tematização do conteúdo das entrevistas, os mesmos foram sumarizados e narrados neste texto, no capítulo 6. Ainda, esta narrativa baseia-se nas experiências dos professores desde do primeiro contato com a música até os dias recentes. Analisei também como os métodos que os fizeram aprender e ter apreço pela música estão presentes, ou não, atualmente em sua prática pedagógica, e quais foram os desafios do ensino remotos durante a Pandemia da COVID-19. Dessa forma, o autor desse texto teve liberdade para descrever os pensamentos apontados por eles, uma vez que conhecia os professores previamente, o que facilitou a abordagem das temáticas sobre mudança de realidade no ensino e aprendizagem do acordeon em seus respectivos ambientes de compartilhamento de conhecimentos musicais.

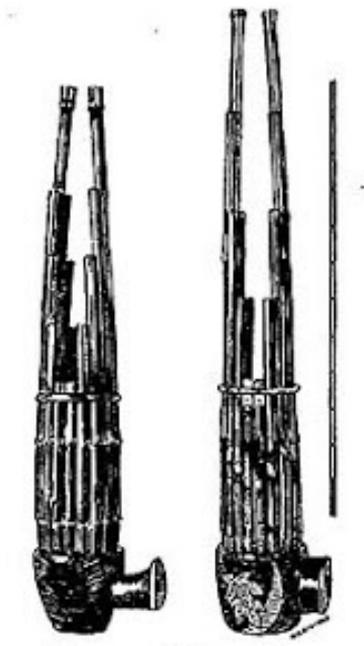
3. ACORDEON

3.1 A ORIGEM DO ACORDEON

Primeiramente, apresento algumas possibilidades de grafias e nomenclaturas utilizadas para se referir ao instrumento que tratamos neste trabalho. Assim, vale salientar que ao longo do texto, iremos adotar a grafia de Benigno, Silva e Cunha (2018) que referem-se ao instrumento em questão como “acordeon”. Contudo, vale ressaltar que além deste, existe a grafia enquanto acordeão (ZAHAR, 1994).

Segundo Paiva (2014), é por volta de dois mil e setecentos anos antes de Cristo que surge, na China, um instrumento similar ao atual acordeon, o Cheng. Este instrumento era uma espécie de catalizador de corrente de ar, proveniente do sopro humano, que gerava vibrações nas paletas metálicas e conseqüentemente os sons (MASCARENHAS, 1978). Devido a extensão territorial da China, o Cheng tinha vários nomes diferentes, de acordo com cada região como: Schonofouye, Hounofouye, Tcheng, Khen, Tam Kim, Yu, Tchao, Ho. Ressalta-se que, posteriormente, o instrumento foi aperfeiçoado e surgiu o Harmônio (idem).

Figura 1: Instrumento chinês Cheng.



Fonte: <http://recantodasgaitas.blogspot.com/2000/07/a-origem-do-acordeon.html>

O Cheng era dividido em 3 partes: recipiente de ar, canudo de sopro e tubos de bambu. O recipiente de ar parecia com o bojo de um bule de chá. O canudo de sopro tinha a forma de um bico de bule, ou do pescoço de um cisne. A quantidade dos tubos de bambu variava, porém, a mais usada era a de 17. Um fato curioso era que destes 17 tubos de bambu, 4 não tinham a abertura em baixo para entrada do ar, eram mudos e colocados somente por uma questão de estética. Na parte superior do recipiente de ar existiam as perfurações onde eram fixados os tubos de bambu e em cada tubo era colocado a lingueta ou palheta, para produzir o som.

Após várias modificações e melhorias, é em 1822 que se fabrica um pequeno fole com vários botões e teclado, cujo seus fabricantes, Christien Friederich e Ludwig Buschmann, batizaram de Handaolina (harmônica de mão). Tempos depois, o vienense Cyrillus Demian cria um instrumento feito de paleta livres, teclados, fole e quatro botões, o qual deu o nome de Arcodeon (PAIVA, 2014), conforme a figura 2. É em 1850 que surge o primeiro acordeon cromático e em 1853 é fabricado o accordéon-orgue, o primeiro acordeon com teclados de piano (idem). Quanto ao ensino do mesmo, é no conservatório de Paris que mantém-se guardados os primeiros registros do método de ensino de acordeon Reisner, criado por Adolf Reiszner em 1828 (HERMOSA, 2013; BORBA, 2013; PAIVA, 2014).

Figura 2: 1º Acordeon construído em 1822 por Cyrillus Demian



Fonte: <http://recantodasgaitas.blogspot.com/2000/07/a-origem-do-acordeon.html>

Com o passar dos anos, outros artesãos e fabricantes foram produzindo e aperfeiçoando o acordeon, acrescentando acordes, botões, teclados, amplificando o som, o deixando mais elegante com marfim ou madrepérola, entre outras alterações (idem). O fato é que o acordeon foi ganhando espaço na música e formando amantes do seu som, saindo dos salões da burguesia e se expandindo para as ruas e conservatórios no mundo todo (HERMOSA, 2013; BORBA, 2013). Vale ressaltar que o acordeon, ao longo do tempo, foi sendo produzido em grande escala na Europa, em especial na Itália, atualmente a maior produtora do instrumento no mundo (PAIVA, 2014).

Dentre os modelos de acordeon, um dos mais populares é o acordeon de piano, cujo teclado é similar ao piano, posicionado na mão direita, e na mão esquerda ficam os botões de acorde, que variam de 8 a 120, a depender do modelo. De acordo com o site *liveabout*, o acordeon funciona da seguinte forma:

Figura 3: Gaita acordeon super I tradizione 120 baixos standard – Scandalli



Fonte: <https://supersonora.com.br/produtos/gaita-acordeon-super-i-tradizione-120-baixos-standard-scandalli/> .

Para entender o funcionamento dos acordeões, lembre-se de uma bexiga, ao sopra-la, a mesma vai enchendo, contudo se pararmos e soltarmos, além de sair voando, a mesma vai emitir sons. Da mesma maneira, quando o fole se enche de ar e esse ar é forçado a sair dos orifícios que têm uma pequena palheta sobre eles, o som é gerado. Geralmente, os fabricantes costumam afinar as palhetas do acordeon à mão, e cada nota pode acionar de uma a quatro palhetas, entretanto quanto mais palhetas forem acionadas, maior será o volume (ROMER, 2018).

Com a popularização do instrumento e sua musicalidade, o acordeon foi saindo da Europa e ganhando o mundo, adentrando os grandes conservatórios e bandas, de modo formal e informal, por meio dos imigrantes, que ao saírem dos países europeus com destino a várias partes do mundo (incluindo o Brasil), levaram consigo seus costumes, cultura e valores musicais.

De acordo com o site *liveabout*, acredita-se que a grande maioria dos acordeons veio para a América do Norte por meios dos comerciantes alemães itinerantes. O instrumento se popularizou em várias comunidades, incluindo regiões germânicas do centro-oeste, norte, Louisiana francesa e área de fronteira Texas/México, tendo vestígio do seu legado evidente nos gêneros de música folclórica existente naquelas regiões até os dias atuais (ROMER, 2018).

3. 2 O ACORDEON NO BRASIL

Alguns registros mostram que o primeiro acordeon chegou ao Brasil no século XIX, com o nome de concertina, tornando-se popular principalmente no nordeste, centro-oeste e sul do país. As primeiras manifestações artísticas com este instrumento retratavam o folclore dos imigrantes portugueses, alemães, italianos, franceses e espanhóis (PAIVA, 2014).

O acordeon chega ao Brasil no século XIX pelos imigrantes, principalmente, italianos e alemães que ficam concentrados em sua maioria nas regiões dos estados de Santa Catarina, São Paulo e Rio Grande do Sul. Quando observamos a colonização do sul do Brasil, muito claramente podemos notar as influências européias na cultura nacional, onde encontramos inúmeras comunidades italianas, alemãs, dentre outras (NASCIMENTO, 2013, p.3).

Neste sentido, podemos perceber a influência dos imigrantes em nossa musicalidade, costumes e tradições, presente até os dias atuais, principalmente em regiões de maior colonização européia, como é o caso da região sul, com as tradições alemãs, e a região nordeste que adquiriu conhecimento instrumental e musical pela aculturação das tradições inglesas que fazem parte da história do forró.

Neste sentido, é no Nordeste que, desde o início do século XX, especificamente após a construção da malha ferroviária brasileira pelos

ingleses, deu-se início a um novo ritmo, dança, baile, música: o forró, característico da região, no qual um dos principais instrumentos musicais é o acordeon. Do mesmo modo que em outras culturas, nesta região a sanfona tem um papel social e se faz presente na tradição musical, nos momentos mais diversos do cotidiano do nordestino, como nos afirma a pesquisadora Sulamita Vieira:

“[...] tais homens desempenham relevante papel, animando, sobretudo em contextos rurais, mas também na cidade, festas de casamento, batizado, aniversário de alguém ou alguma instituição, e, nos tempos atuais, as “festas dos idosos”, além de outras, cujo móvel é sempre a vontade de alegrar, de brincar (VIEIRA, 2006).

O acordeon, especialmente nas festas animadas pelos sanfoneiros, foi por muito tempo uma forma de amenizar a tensão do cotidiano sofrido e miserável, bem como uma forma de agradecer pelas conquistas e festejar com os parentes e amigos, como aponta Nascimento:

A sanfona é um instrumento do povo, historicamente é a sanfona que embala a dureza daquele pequeno agricultor que parece absorver, em sua maioria das vezes, uma grande dificuldade financeira, as dificuldades do sertão, somatizando pelas altas temperaturas do sol e quando se encontra com a sanfona, respira aliviado (NASCIMENTO, 2013. p.4).

Dentro dessa história de aproximação do nordestino com o acordeon, existe um artista que foi fundamental nesse processo e que se consagrou como o “Rei do Baião”: Luiz Gonzaga. Com mais de 500 composições, Luiz Gonzaga apresenta ao Brasil e ao mundo o retrato do povo nordestino e sua luta diária através das letras de suas músicas. Foi assim que Luiz Gonzaga cultivou por quatro décadas um sucesso exponencial e criou o Baião, ganhando fãs no Brasil e no mundo.

Sendo a sanfona o seu instrumento musical, seu instrumento de luta, sua manifestação cultural, criou, assim, a representatividade da sanfona no imaginário sertanejo onde esse instrumento fizesse parte de toda essa teia de valores e significados (idem, p.4).

Entretanto, vale salientar que para além da sua musicalidade melódica e harmônica, o acordeon foi utilizado como uma ferramenta mais prática e

econômica para substituir a orquestra ou o piano, para acompanhar as festas, danças e cantigas regionais. Lembrando, ainda, que este instrumento teve grande sucesso entre as décadas de 1940 e 1970, tendo um declínio com a chegada dos teclados eletrônicos (SATOMI, 2016).

4. PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM MUSICAL NO ACORDEON

O ensino coletivo dos instrumentos musicais surgiu na Europa e posteriormente segue para a América, em especial aos Estados Unidos, onde grandes bandas e orquestras são formadas e conservatórios são criados afim de atender essa demanda (CASTRO, 2013). Contudo, por volta do século XIX professores universitários se opõe a essa metodologia e adotam o ensino individual de instrumentos (PAIVA, 2014; CASTRO, 2013). Com o passar do tempo, apesar das várias vantagens do ensino coletivo, uma forte discussão ganha corpo acerca do ensino cada vez mais individualizado, uma vez que acreditava-se que quanto maior era a atenção individual dada ao aluno, melhor era a eficácia do ensino e seus resultados (TOURINHO, 2007).

Dentre os diversos instrumentos ensinados de forma individualizada, está o acordeon. Aprender a tocar este instrumento não é tão difícil, porém tampouco é simples, pois exige dedicação, prática e estudo. Neste sentido, olhando para o processo de ensino aprendizagem, Rodrigues e colaboradores (2010) falam que a construção do conhecimento não é algo individual, mas parte das relações socioculturais do indivíduo com o meio onde está inserido e das relações da tríade professor/aluno/conteúdo, tendo o professor um papel fundamental na intermediação entre aluno/conteúdo.

Como o ensino de acordeon é muito recente no meio acadêmico, no aprendizado do acordeon se percebe de uma forma muito “natural” entre os músicos que já têm um conhecimento do instrumento e se desenvolvem com o compartilhamento de informações durante o contato com aprendizes/iniciantes. O ensino de acordeon torna-se um processo direcionado para a cultura de cada músico que transmite o seu conhecimento através dos lugares e estilos musicais que transitam durante sua carreira musical. Segundo Weiss e Louro, a principal forma de aprendizagem de acordeon é através de aulas particulares, de videoaulas e de metodologias de autoaprendizagem a partir de materiais gráficos e de áudios, caracterizando um conhecimento musical inserido no universo não escolar.

Considerando a pouca inserção do acordeon no meio acadêmico, muitos dos acordeonistas do Brasil acabaram desenvolvendo sua própria técnica sobre o instrumento, tornando ainda mais forte a diversidade e subjetividade das características musicais dos professores e intérpretes das diversas regiões do nosso país (WEISS; LOURO, 2011, p. 133).

Temos o aprendizado que é “de pai para filho”, quando a música está presente na família, onde os momentos de lazer vividos contribuem com o aprendizado de uma forma leve, com a escuta de outros músicos tocando, com o “pegar de ouvido” - termo muito usado na linguagem de músicos populares. Nesse caso, este termo tem uma relação que se enquadra em aspectos que fazem parte do chamado autodidatismo. Segundo Chaves (2019), o autodidatismo é um termo que possui diversos sentidos, como por exemplo autonomia, inatismo, informalidade, não oficialidade e aprendizagem de ouvido.

Quanto mais escutamos música, os caminhos harmônicos e melódicos vão se internalizando ao ponto de ouvir uma música e conseguir tocar apenas pelo fato de ter escutado sua harmonia ou melodia.

Uma grande parte dos alunos que têm interesse em aprender acordeon não possui a preocupação de buscar o conhecimento teórico. Assim, as propostas de conteúdos para esses alunos tendem a ser mais direcionadas para prática, o que leva, conseqüentemente, a um maior aproveitamento e menor evasão das aulas. Se considerarmos os perfis de alunos adultos e crianças, vemos que o adulto, na maioria das vezes, sempre teve vontade de aprender o instrumento, mas nunca teve tempo. Estes alunos não têm a intenção de aprender teoria, o foco é tocar uma música para realizar esse sonho. Já no caso da criança, comumente os pais que costumam ter vontade que os filhos aprendam o acordeon. Isso, muitas vezes, dificulta um resultado positivo, pelo fato da criança estar ali mais pelo desejo dos pais.

Como existem vários espaços de ensino, percebo que as formas de ensinar devem ser bem direcionadas para cada aluno, já que cada um tem interesse em diferentes metas e usos do conhecimento adquirido em um curso de acordeon, até mesmo no caso de aulas particulares. O ensino de acordeon tende a ter um maior rendimento quando a prática se faz presente desde o primeiro contato do aluno com o instrumento, possibilitando ao aprendiz sentir-

se capaz de tocar uma música desde esse início. Por isso é indispensável estar atento à multidimensionalidade dessa relação (MORALES, 2006).

Além disso, sabe-se que o desenvolvimento do ser humano se dá a partir da integração entre a motricidade, a emoção e o pensamento (BONAMIGO *et al*, 1982) e é na primeira infância que a criança tem a maior facilidade de aprender e desenvolver novas habilidades (GALLAHUE; OZMUN; GOODWAY, 2013). Os autores comentam:

[...]Podemos compreender o desenvolvimento motor como sendo a mudança contínua do comportamento motriz do indivíduo ao longo de sua vida, provocada pelas interações entre as exigências das tarefas motoras, a biologia do indivíduo e as condições do ambiente (GALLAHUE; OZMUN; GOODWAY, 2013, p.21).

Esse processo de ensino e aprendizado, apesar de se iniciar na infância, não se limita a essa fase da vida, pois o desenvolvimento é um processo contínuo que começa na concepção e cessa somente com a morte do indivíduo (*idem*). Nesse sentido, para Libâneo (2017), aprender é um ato de conhecimento da realidade concreta. Além disso, na música o aprendizado é constante e essa continuidade é de fundamental importância para desenvolvimento do aluno, De acordo com Sousa (2020), o primeiro contato com a música ou instrumento é fundamental para o desenvolvimento do artista naquele instrumento, o que pode ser avaliado por meio de seus professores.

Assim, podemos observar que o processo de avaliação não serve apenas para o aluno, mas para todos os envolvidos neste processo avaliativo, estando presente em todos os domínios da atividade humana, se materializando enquanto tomada crítica de decisões (DALBEN, 2005).

5. ANÁLISE DE DADOS DAS ENTREVISTAS

No primeiro momento com o aluno, os professores que foram entrevistados nesse trabalho abordam um conteúdo muito parecido, apresentando o acordeon para os alunos, com todo seu funcionamento, organologia, mecânica e partes do instrumento (teclado, fole, registro de teclado e baixo). Tais conteúdos ajudam o aluno nesse conhecimento durante o primeiro contato com o acordeon. O professor 1, na primeira aula já começa inserindo um conhecimento prévio de teoria musical, juntamente com algumas canções folclóricas, no intuito de os alunos já terem esse aprendizado no primeiro contato com o acordeon, utilizando a numeração dos dedos para os tocar as músicas propostas nas aulas.

A proposta das aulas são de conquistar os alunos para o instrumento, fazendo com que os alunos na primeira aula já toquem uma música no acordeon com métodos aplicados que possam proporcionar essa experiência para os alunos. Essa didática é trabalhada com um repertório folclórico e músicas populares com um, dois ou três acordes, não utilizando notas musicais escritas e sim a numeração dos dedos, facilitando a digitação e o entendimento dos alunos para tocar as músicas propostas nas aulas; e com essa forma de ensino do aluno na primeira aula já tocar no instrumento, faz com que haja menos possibilidade de evasão dos alunos nas aulas, pois dessa maneira o aluno se sente ativo e com segurança de continuar estudos (professor 1, entrevista concedida ao autor em 02/05/2022).

Já o professor 2 trabalha os conteúdos com um certo direcionamento para cada aluno, pois a faixa etária varia muito entre os aprendizes e para conseguir o desempenho positivo nas aulas os conteúdos são aplicados dessa forma.

[...] a gente precisa ter um plano de curso, mas a gente também precisa ter a individualidade sobre o plano de curso, dar independência a cada aluno para poder conseguir o professor abraçar capacidades individuais que o aluno tem que não estão presentes, por exemplo, no plano de curso. Então, acho que para mim também é um desafio lá dentro da escola, porque quando cheguei eu disse: tenho que fazer um plano para poder ficar firme. Mas aí tive contato com 17 realidades

diferentes e eu disse: a realidade de cada um aqui é diferente, por exemplo, eu dou aula para alunos de dez anos, que acho que às vezes ele nem gosta de sanfona. E aí eu vou botar de goela a baixo? Como é que eu faço? Então, a sistemática do plano de curso ou eu coloco de goela a baixo ou compreendo a realidade dele e tento até cativar ele. Aí tem senhores de 70 anos que dizem: eu gosto de ter aula de sanfona e tudo; mas o meu andamento aqui é muito lento, e eu vou fazer tudo muito lento, ou seja, tem que também entender isso aí e colocar dentro da sistemática. Então, acho que o principal ponto é esse (professor 2, entrevista concedida ao autor em 06/05/2022).

5.1 O PRIMEIRO CONTATO COM A MÚSICA

Observa-se que ambos os professores, assim como eu, tiveram o primeiro contato com a música ainda na infância. Neste sentido, ambos os professores relataram experiências exitosas com a música, em especial com o acordeon, durante sua infância ou adolescência. Os entrevistados comentam:

O contato com o acordeon veio através de um professor muito conhecido nessa área que foi com quem aprendeu toda a mecânica do instrumento e técnicas voltadas para o acordeon (professor 1, entrevista concedida ao autor em 02/05/2022).

[...] meu pai tinha um álbum chamado “50 anos de chão”, de Luiz Gonzaga... A partir dessa coleção, fui compreendendo que eu queria tocar sanfona. Eu cheguei ao ponto de não ter a sanfona e de ficar imitando que estava com a sanfona com uma bolsa na frente, uma mochila e eu vendo Luiz Gonzaga lá e dizendo: se eu tivesse sanfona iria tocar assim. Enfim, mas no processo de aprendizado foi inicialmente assim, desse jeito meio estranho, porque já estudava teoria musical e no imaginário de estar com a sanfona sem tá (sic). Quando eu consegui um dia uma sanfona... acho que uns dois, três anos depois desse início (professor 2, entrevista concedida ao autor em 06/05/2022).

5.2 FORMAÇÃO DE BASE DOS PROFESSORES

A formação da base musical do professor 1 se enquadra em um formato que é muito tradicional nas cidades de interior, onde estão localizadas uma boa parte das bandas de música. Estes grupos, além de suas apresentações, desenvolvem entre suas atividades esse processo de ensino e aprendizagem para os jovens que desejam ingressar na música aprendendo algum

instrumento. Na maioria das vezes, existe o intuito de que os alunos atinjam um certo nível para ingressar como músico das bandas, fortalecendo os grupos. O professor 1 relata que foi influenciado por várias manifestações culturais:

Eu sempre fui envolvido com a música popular, a minha formação de base ela vem de bandas de escola e filarmônicas. Ainda no início da adolescência eu comecei a estudar música e a partir daí eu tive contato com grupos de frevo da minha cidade, Timbaúba, e ouvia várias manifestações culturais como a ciranda, o candomblé e caboclinho, tendo contato com essas manifestações até chegar a Universidade Federal de Pernambuco, para formalizar o aprendizado (professor 1, entrevista concedida ao autor em 02/05/2022).

A sua trajetória como professor se consolidou com a mudança do Estado de Pernambuco para a Paraíba. Após apenas alguns meses no novo endereço, ele se envolveu com uma ONG e montou uma orquestra de sanfonas, grupo que já existe há mais de 10 anos e é direcionado para aprendizagem de acordeon. Além dessa ONG, o professor 1 trabalhou com alguns coros de igrejas em João Pessoa, grupos onde a maioria das pessoas ingressantes não tem conhecimento prévio de música, criando um desafio de trabalhar com elas. Este músico também é professor de uma escola de artes em João Pessoa, em que o processo de ensino e aprendizagem é bem parecido com o da ONG, com a diferença que o aluno precisa ter o instrumento para poder se inscrever no curso, que é de caráter livre. O professor 1 está concluindo mais uma graduação na Universidade Federal da Paraíba, desta vez com habilitação em acordeon.

O professor 2 iniciou sua trajetória musical através de incentivo familiar. Seu avô tinha um teclado pequeno, no qual podia tocar, e ganhou da sua tia um curso de música com quatro aulas. Foi com essas aulas que o professor 2 aprendeu a notação musical básica. O seu interesse pela sanfona chega ao escutar com muita frequência Luiz Gonzaga, junto com o seu pai. Esse processo foi se desenvolvendo durante aulas particulares com alguns sanfoneiros que tinham uma experiência considerável, tanto na prática como na teoria.

Quando eu consegui um dia uma sanfona (...) eu já tinha já uma base em formação teórica da leitura e precisava ter informações técnicas sobre como manipular a sanfona. Mas, mesmo assim, eu já compreendia como é que fazia som por conta do teclado. Mas aí tive umas aulas particulares, uns três, quatro meses com o professor Dinho, que era sanfoneiro de bandas, que não lembro o nome, mas ele lia partitura e foi indicação de Arivaldo. Foi bom porque ele me deu informações de manuseio da sanfona através da leitura e eu fui inserido na sanfona desse jeito (professor 2, entrevista concedida ao autor em 06/05/2022).

Durante seu processo de aprendizagem, o professor 2 teve uma passagem pela EEMAN (Escola Estadual de Música Anthenor Navarro). Ali, estudou saxofone e, em seguida, ingressou no IFPB (Instituto Federal da Paraíba) em um curso técnico de acordeon. Com o término do curso, começou a dar aulas particulares, deu aula de acordeon em uma ONG, mas em pouco tempo foi chamado para trabalhar como professor em uma escola de música.

Eu iniciei o trajeto de dar aula de sanfona através da aula particular. Eu passei também um período lá na Balaio Nordeste e dar aula lá foi interessante porque o espaço é informal, e aí eu dava aula na mesma turma para um senhor de 72 anos e para um menino de 14, de 10 anos, na mesma turma... era interessante conviver com isso, e eram turmas. Depois de sair da Balaio que eu comecei a dar aula particular. E aí, quando entrei na EEMAN, deixei de dar aula particular, muito por conta também da sistemática de tempo (professor 2, entrevista concedida ao autor em 06/05/2022).

5.3 ASPECTOS INICIAIS DO ENSINO E APRENDIZAGEM DE ACORDEON

Considerando minha própria experiência com aulas, tenho uma percepção de que os alunos têm uma preocupação de no primeiro momento da aula de música ter acesso ao instrumento que deseja aprender. Na minha concepção, é decisivo o aspecto dos alunos se sentirem capazes de tocar o instrumento que eles estudam. Da mesma forma, a estratégia do professor 1 para diminuir a evasão e proporcionar ao aluno uma sensação de confiança é:

[...] ensino ao aluno na primeira aula já tocar no instrumento, faz com que haja menos possibilidade de evasão dos alunos nas aulas, pois dessa maneira o aluno se sente ativo e com segurança de continuar os estudos (professor 1, entrevista concedida ao autor em 02/05/2022).

Na percepção do professor 1 em relação aos aspectos iniciais para um curso de acordeon, é de grande importância a instituição de ensino ter instrumentos disponíveis para os alunos. Além disso, é pertinente uma frequência e regularidade mais assídua de aulas, com no mínimo dois encontros por semana. O professor 1 relata uma grande diferença no desenvolvimento dos alunos que possuem o seu próprio instrumento em relação aos que não possuem e, nesse sentido, a instituição deve disponibilizar os instrumentos para os alunos estudarem em horários diferentes dos das aulas semanais..

Se for trabalhar em turmas que a proposta for de cinco, que tenha cinco instrumentos, é importante que os alunos tenham o instrumento...alunos não terem instrumentos e ele ter apenas um encontro por semana é pouco demais para que ele desenvolva. Mesmo assim, por exemplo, os poucos que vêm com instrumentos a gente vê o desenvolvimento muito distante um do outro sabe, de quem tem o instrumento e de quem não tem (professor 1, entrevista concedida ao autor em 02/05/2022).

O professor 1 considera primordial que o aluno de acordeon, desde a primeira aula, tenha contato com o instrumento, justamente para trazer uma consciência de que a pessoa é capaz de tocá-lo. Paralelamente, vêm as atividades realizadas para demonstrar ao aluno, além da capacidade dele de aprender a tocar o instrumento, a abordagem de alguns conteúdos teóricos que ampliem a consciência musical, de acordo com o desenvolvimento dos estudantes nos encontros com o professor.

Olha, junto com o instrumento eu caminho sempre para que o aluno ele tenha uma consciência musical. Eu não diria nem uma educação musical, porque daí a gente vai tentando trabalhar dentro das condições nossa essa musicalidade do aluno aqui. Mas o primeiro momento, ou os primeiros contatos, é sempre contato com o instrumento. Esse contato precisa ser na hora que ele entra na sala de aula, ele já pega o instrumento. E paralelo a isso, atividades que a gente faz em sala para que tenha essa consciência (professor 1, entrevista concedida ao autor em 02/05/2022).

O professor 2 aplica em suas aulas um planejamento unificado dos conteúdos do plano de curso da escola com sua percepção do perfil de cada aluno, através do que estes demonstram nos primeiros contatos com as aulas de acordeon.

Pra onde é que eu vou pensando ou ponderando o direcionamento das aulas, isso aí pra mim ainda é conflituoso, porque dentro do planejamento eu oriento ao alunado para poder estar conectado com a sistemática da escola e fazer com que o aluno leia a partitura. Acontece que 90% dos alunos de sanfona eles vão pra lá e querem o que um aluno particular quer. Que é o quê? Tocar, e aí querer tocar para esses 90% não passa pela leitura. E aí, como você faz? Como é que eu faço? Como é que eu mantenho esse alunado aqui no espaço da escola? Mas cumpro também o que a escola me solicita como demanda. Esse é meu desafio, foi um desafio interessante, mas eu ainda hoje sinto que não está solucionado, até porque entrar nisso, nessa dualidade onde eles querem tocar, mas ausentam, no entanto, da necessidade da leitura para tocar, que lá é uma convergência da leitura para que se toque (professor 2, entrevista concedida ao autor em 06/05/2022).

Nesse contraste entre os objetivos iniciais dos alunos e a sistemática proposta pela escola que o professor 2 trabalha, é notório que o planejamento tenha um direcionamento diferenciado para cada aluno de acordeon, pois a experiência do professor 2 já ter sido aluno da escola em que trabalha gera um desafio de conseguir unir os conteúdos que a instituição propõe e o que os alunos querem estudar.

Eu acho que é essa compreensão do professor e do aluno, a convergência entre os dois. Isso aí tem que existir, independente até se você definir, porque eu acredito que a gente precisa, como eu vivencio na escola, a gente precisa ter um plano de curso, mas a gente também precisa ter a individualidade sobre o plano de curso dar independência a cada aluno para poder conseguir o professor abraçar capacidades individuais que o aluno tem que não está presente, por exemplo, no plano de curso. Então, acho que para mim também é um desafio lá dentro da escola. Então, a sistemática do plano de curso, ou eu compreendo a realidade dele e tento até cativar ele. Eu acho que isso aí é um ponto chave. Por qual motivo? O motivo que eu dou é: a sanfona é um instrumento que, ao meu ver, na nossa cultura, não tem uma verticalização sobre os fundamentos do que é que tem que ser feito e assim o caminho é esse não. Às vezes, o caminho que você usa para o aluno não é o mesmo caminho que você usa no outro (professor 2, entrevista concedida ao autor em 06/05/2022).

5.4 DESAFIOS E CAMINHOS EM AULAS REMOTAS

No final do ano de 2019, na cidade de Wuhan (China), é relatado o primeiro caso de uma doença infectocontagiosa de codinome COVID-19, cujos sintomas são semelhantes à pneumonia (ALSOUFI et.al., 2020), promovendo inflamações nas vias aéreas. O vírus logo se espalhou por toda China e posteriormente pelo mundo todo, levando a Organização Mundial da Saúde (OMS) a declarar o estado de pandemia mundial, causando uma interrupção sem precedentes na vida e rotina de todos (ALSOUFI et.al., 2020; POLLARD, et. al., 2020).

Com o agravamento da pandemia, governos no mundo todo, incluindo do Brasil, seguiram orientações para fomentar o estado de isolamento social, ou distanciamento social, entre seus cidadãos. Apesar das medidas adotadas, no mundo todo milhões de mortes foram registradas dia após dia (DHAMA et. al., 2020; ALSOUFI et.al., 2020). Durante esse período de isolamento social, aulas remotas foram realizadas afim de suprir a carência dos alunos, criar alternativas de aulas dinâmicas e atrativas, mantendo o contato e conhecimento que já haviam adquiridos antes do isolamento social.

Apesar de aderirem ao ensino remoto, os professores entrevistados apontaram para alguns aprendizados decorrentes da situação, para pontos positivos e outros nem tanto.

[...] Durante a pandemia a gente, por exemplo, distribuiu instrumentos e deixou com eles, [para] levarem para casa... computador não funcionava, até porque parte desses alunos só tem o celular do pai ou da mãe quando eles chegavam em casa às dez horas... não tinha um feedback dos alunos... E depois de passar um tempo ainda dentro da pandemia, resolvemos retomar buscando mais os aplicativos, aos vídeos, tudo que a internet e que a pandemia terminou acelerando para a gente (Professor 1, entrevista concedida ao autor em 02/05/2022).

Após a avaliação das aulas no ensino remoto, o professor 1 chegou a seguinte conclusão:

Então o que a gente percebeu foi que não valia a pena fazer aulas síncronas, que não estava surtindo efeito fazer as aulas *online*, então partimos para as aulas assíncronas que a gente passou a gravar vídeo aulas, disponibilizar no canal do YouTube da ONG ou enviar diretamente num grupo de

WhatsApp que os alunos estavam inscritos. Então eles viam aqueles vídeos, eles assistiam e daí eles tentavam reproduzir aquilo no seu instrumento e eles me mandavam o vídeo de volta, tocavam, mandavam o vídeo ou me mandavam através do WhatsApp (Professor 1, entrevista concedida ao autor em 02/05/2022).

A proposta das aulas iniciais e presenciais, segundo relata o professor 1, são de conquistar os alunos para o instrumento, fazendo com que eles, já na primeira aula, toquem uma música no acordeon, com métodos aplicados que possam proporcionar essa experiência prática. Contudo, as aulas remotas que aconteceram durante a pandemia puderam mostrar o quão fortes e resilientes somos. Ainda, serviu para mostrar as diversas possibilidades de melhorar cada vez mais nossa prática pedagógica de ensino. Assim, devemos considerar que as interações estabelecidas entre professor/aluno e entre os alunos também influenciam a construção do conhecimento entre si.

O professor 2 relatou que as aulas em formato remoto retardou, na prática, o aprendizado de acordeon para a maioria dos alunos. Tendo como embasamento a sua vivência como professor de acordeon, ele diz ser necessário o contato presencial para que a interação das aulas tenham um desenvolvimento positivo e haja resolução de problemas como: posicionamento dos dedos, postura do corpo e outras questões que realmente só conseguem ser sanadas com uma aula presencial.

Durante a pandemia, tive alunos novatos tendo as primeiras aulas de forma remota. Esse fator de posicionamento do instrumento não dá. Acho muito difícil. Inclusive voltamos agora criando essa ponte também, um aluno que foi novato durante o remoto começamos a ter aula presencial e até hoje ainda não consegui organizar o posicionamento dele, ele viciou o jeito que ele ficava e bota sanfona [a] fazer assim, a mão, tal. Então esse processo das aulas remotas para mim foi difícil, para alguns professores acredito que não, foi uma maravilha, para mim foi difícil. Eu sinto que o fator remoto nas nossas aulas de sanfona retardou, eu acho que a palavra é essa, retardou, retardou o andamento da prática e aí eu levo em conta, também, pela faixa etária do alunado, uma boa parte de crianças. Porque, por exemplo, eu consigo lembrar que alguns alunos adultos a gente já conseguiu pegar música com facilidade, ler juntos, fazer arranjos. Tem uma aluna que ela já

mexe em editor de partitura, aí hoje instigo ela assim: eu vou fazer aqui e você escreve o baixo, então ela já faz tudo direitinho e certinho. E aí com esses alunos fluiu, mas é uma pequena porcentagem. A maior porcentagem de alunos, que são na faixa etária mais jovem, e aí realmente houve um retardo nos passos no caminho das aulas (professor 2, entrevista concedida ao autor em 06/05/2022).

6. APONTAMENTOS FINAIS

Durante a coleta de dados, pude observar o quanto minha trajetória de vida parece com a dos dois professores entrevistados, que, assim como eu, vieram do interior e tiveram toda uma influência sociocultural durante o desenvolvimento musical, em nosso gostar de cantar ou tocar o instrumento. Nesse sentido, cabe aos pais, escolas, grupos musicais e manifestações culturais oportunizar a seus filhos, alunos e participantes dos coletivos o acesso às diversas formas de expressões culturais e à música de qualidade - dentro de sua diversidade.

Ambos os professores (assim como eu) passaram por aulas do tipo "tradicional" (várias aulas teóricas prévias para em seguida iniciar as aulas práticas), que impunham a necessidade de fazer os exercício teórico em todos encontros e apenas depois de cerca de seis meses podíamos tocar no instrumento. Contudo, todos tendem a desenvolver metodologias mais ativas, dinâmicas e diversificadas, objetivando ensinar ao aluno da melhor maneira possível, observando suas limitações e suas necessidades. Vale salientar que nenhum dos professores entrevistados buscou apenas reproduzir o que aprenderam com seus mestres, pelo contrário, buscaram aprender, refletir criticamente e buscar desenvolver o melhor caminho para facilitar o aprendizado de muitos alunos.

Um outro ponto a ser ressaltado é o desempenho dos professores nas aulas remotas durante a pandemia, uma vez que observou-se que uma maneira adequada de ensinar o aluno a tocar o acordeon (ou qualquer um outro instrumento) é (i) disponibilizando um instrumento para cada criança, seja para levar emprestado pra casa, ou que cada uma delas comprem o seu, ou que as mesmas possam ter acesso a um acervo de instrumentos ao longo do processo, (ii) disponibilização de aulas gravadas assíncronas de modo a facilitar a rotina do aluno, deixando-a mais cômoda. Entretanto, observa-se, de maneira geral, que tanto o aprendizado quanto o rendimento do aluno durante a pandemia foi menor em comparação com as aulas presenciais.

Nesse sentido, pode-se concluir com esse trabalho que apesar das dificuldades de acesso à internet no Brasil e de todos os alunos possuírem seu

próprio instrumento, é possível acontecer as aulas remotas de acordeon, sendo essa uma nova possibilidade de expandir o ensino para além do nordeste brasileiro, bem como atender a um público maior de maneira mais rápida e menos onerosa. Entretanto, vale ressaltar que os processos didáticos e pedagógicos são de vital importância para o êxito dessa atividade e que o relato dos professores entrevistados contribuiu para atestar a possibilidade de novos horizontes a serem explorados.

REFERÊNCIAS

- ALSOUFI, A.; ALSUYIHILI, A.; MSHERGHI, A.; ELHADI, A.; ATIYAH, H.; ASHINI, A.; ASHWIEB, A.; GHULA, M.; HASAN, H. B.; ABUDABUOS, S.; ALAMEEN, H.; ABOKHDIR, T.; ANAIBA, M.; NAGIB, T.; SHUWAYYAH, A.; BENOTHMAN, R.; ARREFAE, G.; ALKHWAYILDI, A.; ALHADI, A.; ZAID, A.; ELHADI, M. Impact of the COVID-19 pandemic on medical education: Medical students' knowledge, attitudes, and practices regarding electronic learning. **PLoS One**, [S.l.], v. 15, n. 11, 2020.
- BENIGNO, R; SILVA, H; CUNHA, M. O primeiro ano de estudos de acordeon no curso de licenciatura em música da UFPB: reflexões iniciais sobre o processo ensino aprendizagem à luz de teorias psicogenéticas interacionistas. *In: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL EDUCAÇÃO MUSICAL*, 14, Salvador. **Anais [...]**, Salvador: ABEM, 2018.
- BONAMIGO, E. M. R.; CRISTÓVÃO, V. M. R.; KAEFER, H.; LEVY, B. W. **Como ajudar a criança no seu desenvolvimento**. Porto Alegre: UFRGS, 1982.
- BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Em Tese**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.
- BORBA, R. E. **Ensino de Acordeon no Rio Grande do Sul: Breve Análise de Quatro Métodos**. Monografia (Licenciatura em Música) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.
- CASTRO, R. S. **Musicalização Através do Ensino Coletivo de Instrumento Musical: Um relato de experiência de ensino coletivo de violão no Núcleo de Música do SESI**. Monografia (Graduação em Música). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.
- CHAVES, E. J. M. **Aprendizagem musical autodidata: um estudo exploratório com os músicos populares em Varjota-CE**. Monografia (Licenciatura em Música) - Universidade Federal do Ceará, Sobral, 2019.
- CRESWELL, J. W.; CRESWELL, J. D. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2021.
- DALBEN, Â. I. L.F. Avaliação escolar. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 11, n. 64, 2005.
- DHAMA, K; PATEL S.K.; NATESAN S.; VORA, K. S.; YATOO, M. L.; TIWARI, R.; SAXENA, S. K.; SINGH, K. P.; SINGH, R.; MALIK, Y. S. COVID-19 in the elderly people and advances in vaccination approaches. **Hum Vaccin Immunother**, [S.l.], v. 16, n.12, p. 2938-2943, 2020.

- FRANCO, M. A. R. S. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, [S.l.], v. 97, n. 247, p. 534-551, 2016.
- FEITOSA, J. M. C. **Ensino Coletivo de Teclado**: Um estudo realizado na escola de música da IEADERN. Monografia (Graduação em Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.
- GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C.; GOODWAY, J. D. **Compreendendo o desenvolvimento motor**: bebês, crianças e adultos. 7. ed. Porto Alegre: AMGH. 2013.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HERMOSA, G. **The accordion in the century 19Th**. [S.l.]: Editorial Kattigara. 2013.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2017.
- MASCARENHAS, M. **Método de Acordeão Mário**, 48. ed. São Paulo, Ricordi Brasileira, 1978
- MORALES, P. **A relação professor-aluno – o que é como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.
- NASCIMENTO, L. C. A história e o contexto musical da sanfona no nordeste do Brasil. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL “EDUCAÇÃO E CONTEMPORANIEDADE”, 1, São Cristóvão-SE, **Anais [...]**, São Cristóvão: EDUCON, 2013.
- PAIVA, C. N. **Uma experiência de ensino do acordeon na escola de música da UFRN**. Monografia (Graduação em Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.
- POLLARD, C.A; MORRAN, M.P; NESTOR-KALINOSKI, A.L. The COVID-19 pandemic: a global health crisis. **Physiol Genomics**. v.52, n. 11, p. 549-557. 2020.
- REIS, Jonas Tarcísio. A abordagem do conceito de harmonia tonal nos processos de ensino e aprendizagem de acordeom fomentados por dois professores atuantes na região metropolitana de Porto Alegre. **Revista da Abem**, Londrina, v. 19, n. 26, p. 145-157, 2011.
- RODRIGUES BRAIT, L. F. ; MACEDO, K. M. F. .; SILVA, F. B.; SILVA, M. R.; SOUZA, A. L. R. A RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM. **Itinerarius Reflectionis**, Goiânia, v. 6, n. 1, 2010.

ROMER, M. The History of the Accordion in World Music. **Liveabout**. 2018. Disponível em: <https://www.liveabout.com/accordion-instrument-3552885>. Acesso em: 01 out. 2022.

SOUSA, I. R. F. **Ensino de acordeon online**: dois estudos de caso. Monografia (Licenciatura em Música) - Universidade Federal de Paraíba, João Pessoa. 2020.

GAITA ACORDEON SUPER L TRADIZIONE 120 BAIKOS STANDARD – SCANDALLI, **Supersonora**, 2022. Disponível em: <https://supersonora.com.br/produtos/gaita-acordeon-super-l-tradizione-120-baixos-standard-scandalli/> . Acesso em: 05 dez. 2022.

TOURINHO, C. Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais: crenças, mitos, princípios e um pouco de história. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 16, 2007, Campo Grande. **Anais [...]**, Londrina: ABEM, 2007

TERRA, A. **Método para Acordeon**. São Paulo: Irmãos Vitale, 1998.

SATOMI, A. L. Sanfona, **UFPB**, 2016. Disponível em: <http://www.ccta.ufpb.br/labeet/contents/acervos/categorias/aerofones/sanfona>. Acessado em: 01 out. 2022.

VIEIRA, S. **Velhos Sanfoneiros**. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria do Estado do Ceará, 2006.

WEISS, D. R. B.; LOURO, A. L. M. A formação e atuação de professores de acordeon na interface de culturas populares e acadêmicas. **Revista da Abem**, Londrina, v. 19, n. 26, p. 132-144, 2011.

YIN, R. K. **Estudo de Caso**: Planejamento e Métodos. Trad. Cristhian Matheus Herrera. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

APÊNDICE

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Roteiro de entrevistas

1. Como foi o seu processo de aprendizagem no acordeon?
2. Quais espaços você dar aula de acordeon? Como eles funcionam?
3. Quais aspectos iniciais você considera importante para um curso de acordeon? (espaço, aluno, experiência, etc).
4. Qual o primeiro conteúdo trabalhado e de que forma?
5. Como planejava a aula em cada contexto? (presencial e online).
6. Quanto que conseguiu cumprir o planejamento em cada formato?
7. Como avalia o seu trabalho e o desenvolvimento dos alunos em ambos os formatos?
8. Que atividades fazia nas aulas online? Com quais objetivos?
9. Que atividades fazia nas aulas presencial? Com quais objetivos?
10. O que funcionava no presencial que não funciona no online?
11. O que funcionou no online que não funciona no presencial?